

## A ANTROPOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE MAX SCHELER: UMA INTRODUÇÃO À CATEGORIA DE ESPÍRITO

Robione Antonio LANDIM<sup>i</sup>Jonas Marciel ASSIS<sup>ii</sup>

### RESUMO

O filósofo alemão Max Ferdinand Scheler (1874 – 1928) considera o fenômeno existencial humano tema central de investigação da Filosofia e se empreende em elaborar uma Antropologia filosófica, segundo a qual a ideia essencial de homem é o espírito. Seu trabalho é desenvolvido pelo método fenomenológico. A indagação que motiva o presente artigo é a seguinte: Como a categoria de espírito em Max Scheler contribui para a compreensão de homem? A partir da leitura de seus escritos, evidencia-se que o ser humano é possuidor de uma estrutura peculiar enquanto pessoa no mundo: o espírito. O espírito determina a separabilidade da pessoa humana do mundo, ou seja, confere ao homem a possibilidade de ser transcendente, capaz de autoconsciência, de liberdade, de ideação e de ascese. A antropologia scheleriana apresenta uma compreensão do humano de forma essencial e unificada, estabelecendo a posição metafísica peculiar do homem perante o cosmos.

Palavras-chave: Antropologia. Espírito. Pessoa. Max Scheler.

### 1 INTRODUÇÃO

A Filosofia Contemporânea do final do século XIX e início do século XX foi representada por movimentos que eclodiram na Europa, especificamente na França e na Alemanha, como o Materialismo de Karl Marx (1818-1883), o Positivismo de

---

<sup>i</sup> Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Docente no curso de Graduação em Filosofia do Centro Universitário – UniAcademia. E-mail: <ralandim@yahoo.com.br>.

<sup>ii</sup> Graduando em Filosofia pelo Centro Universitário Academia – UniAcademia. E-mail: <jonasmarcie62@gmail.com>.

Auguste Comte (1798-1857) e a crítica de Nietzsche (1844-1900) à Metafísica, movimentos estes que levantaram questionamentos tais como a crítica à cultura tradicional, a descrença na imortalidade e a decadência da metafísica. É nesse contexto que surge a filosofia de Max Scheler, desenvolvida a partir do método fenomenológico, motivada pelos variados questionamentos colocados por aquelas correntes de pensamento.

Max Scheler nasceu em Munique, em 1874. Estudou em Berlim e Jena, onde acabou por se tornar professor e desenvolver parte do seu trabalho filosófico. Grande parte de seu desenvolvimento acadêmico foi em volta do campo ético-filosófico, com a constituição de uma hierarquia dos valores. Na fase final de sua vida, o filósofo se empenhou em desenvolver uma antropologia filosófica, chegando a publicar apenas um esboço do seu pensamento antropológico: **A posição do Homem no Cosmos**, de 1928. É a partir desta obra que o presente artigo constitui um estudo introdutório sobre a antropologia de Scheler, enfatizando especialmente a categoria de espírito.

Para Scheler (2003), o homem é diferente dos animais e dos outros seres não apenas pelo nível de inteligência e habilidades. Por não se limitar apenas às esferas biológicas e materiais, o ser humano possui uma estrutura espiritual que dá a ele a abertura ao mundo. É importante ressaltar que o sentido do termo espiritual empregado aqui não se refere à dimensão religiosa, significa, sim, dizer que o homem é aquele que não está totalmente adaptado à sua estrutura imanente, mas a ultrapassa. Ele não é preso aos seus instintos e aos seus impulsos para agir sobre o mundo. Pelo contrário, ele é capaz de transcender esses limites impostos por essas instâncias e se constituir através de seus atos, que podem ser especificamente espirituais. Mas qual o sentido de espírito, segundo Scheler? Como essa categoria contribui para uma antropologia filosófica? Essa reflexão se dará em torno da obra **A Posição do Homem no Cosmos** (2003), do referido autor. Para tratarmos dessas questões, o artigo é estruturado em três seções.

Na primeira seção será apresentada a análise que Scheler elabora da vida psíquica ou aquilo que constitui o modo material de existir dos seres vivos, bem como a negação de que a essência do homem se encontra nas camadas naturais e biológicas do mundo. Na segunda seção, destacar-se-á a noção de espírito, demonstrando a essência humana defendida pelo filósofo. Será possível ver que o espírito é uma característica especificamente do humano na medida em que concede

a ele liberdade e autoconsciência para agir de modo aberto e infinito perante o mundo. Na terceira seção, será abordada a definição do ato de ideação e o homem como atualidade pura, característica fornecida pelo espírito.

## **2 A CONTRIBUIÇÃO DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO PARA O ESTUDO DO HOMEM EM SCHELER**

No decorrer da história, o homem, ao pensar e questionar o mundo à sua volta, também se coloca como objeto de seu pensamento interrogando a si mesmo. Desde a filosofia grega, as questões antropológicas são presentes, colaborando para as problemáticas que envolvem o indivíduo e o mundo à sua volta. Enquanto os pré-socráticos se preocupavam mais com questões da natureza, Sócrates realiza uma virada antropológica desenvolvendo sua reflexão filosófica acerca do humano, da sua essência e do seu modo de agir. Com o passar dos séculos, a busca por respostas que deem sentido à essas perguntas permaneceu, favorecendo para o surgimento de várias compreensões teóricas, entre elas o homem como ser religioso, que só pode ser entendido a partir de uma visão judaico-cristã, e como produto da ciência moderna e da evolução darwiniana, como será apresentado a seguir.

Por volta do século XX, tornou-se ainda mais evidente que as várias compreensões sobre o homem acabavam por o tornar cada vez mais um problema para si mesmo, visto que ele, diante de tantas definições, não conseguia se ver de modo essencial e unificado. Conforme Scheler na introdução de sua obra, essas diferentes interpretações não se preocupavam uma com as outras, dificultando uma compreensão antropológica integral, pois era possível observar que essas teorias, na medida em que não encontravam a unicidade do homem, acabavam reduzindo-o às suas particularidades. A antropologia de Max Scheler propõe pensar o ser humano de forma una e essencial, ou seja, ele o concebe de forma integral e não apenas cultural ou biologicamente, mas com todas as suas características essenciais, como a objetividade, a liberdade, a autoconsciência e a ascese. Fica evidente essa abordagem ao afirmar no prefácio à primeira edição da obra **A Posição do Homem no Cosmos**:

Tenho a satisfação de constatar que os problemas de uma antropologia filosófica ganharam hoje o ponto central de toda a problemática filosófica na

Alemanha e que, muito para além do círculo dos especialistas em filosofia, há biólogos, médicos, psicólogos e sociólogos trabalhando em uma nova imagem da constituição essencial do homem (SCHELER, 2003, p. 3).

Diante disso, é possível observar que a interpretação de Max Scheler preza por uma compreensão essencial que não limita nem fragmenta a unidade do ser humano. Na introdução da obra citada, Max Scheler (2003) compreende três esferas de ideias incompatíveis entre si existentes no mundo ocidental sobre a concepção de homem. A primeira delas é a esfera do pensamento judaico-cristão, em que o humano é entendido a partir de sua relação com o fundamento supremo das coisas, ou seja, ele é entendido em sua relação com Deus, a partir de uma alma que o contempla e que só pode encontrar a sua realização nele. Um pensador que está alinhado a essa forma de pensamento é Agostinho, considerado um dos mais conhecidos representantes da antropologia cristã-medieval, “ele parte da filosofia grega platônica a fim de interpretar a tradição bíblica e a tradição cristã de homem” (KLAUSS, 2014, p. 7-8).

A segunda esfera de pensamento é a tradição da Antiguidade clássica, que concebe o *lógos* princípio da razão humana, que o diferencia de todos os outros seres. O homem é interpretado como possuidor de uma alma intelectual que pode raciocinar e pensar e se desvincular do corpo, conforme a filosofia platônica e aristotélica. Aristóteles descreve o homem como possuidor da alma racional, o que o caracteriza como ser inteligente, sendo ele guiado pelo *lógos*. E a terceira maneira de conceber o homem é a da moderna ciência da natureza e da psicologia genética, nas quais ele é assumido como resultado último e tardio da evolução humana do planeta Terra – “um ser que só se diferencia de suas formas prévias no mundo animal em função do grau de complicação das misturas de energias e capacidades que em si já ocorrem na natureza subumana” (SCHELER, 2003, p. 5).

O que se percebe a partir dessas concepções é que elas não se vinculam entre si, visto que aquela que concebe o humano de uma maneira religiosa - que está e vive em relação com Deus - não se alinha com uma concepção materialista e biológica das ciências naturais que encaram o homem como objeto de estudo, que, por sua vez, não tem relação com o *lógos* que rege o mundo e faz o homem conhecer a verdade.

Na medida em que afirmam apenas uma dimensão, aquelas interpretações acabam segmentando o ser humano. Elas são “reducionistas em si, por isso Scheler procurou desenvolver sua teoria de antropologia filosófica” (SCHULZ, 2020, p. 53) que

compreende o homem não mais reduzindo-o a um aspecto, mas de forma essencial, una. Essas concepções antropológicas são consideradas por Scheler reducionistas por não responderem a uma essencialidade do ser humano. A percepção desse filósofo a respeito do contexto antropológico do início do século XX é aquela de que existe uma valiosa pluralidade das ciências especiais que se ocupam com o homem, mas pelo fato de o tratarem de forma muito especificada acabam encobrendo a sua realidade essencial, conforme está especificada na seção seguinte.

No mesmo sentido, Thiago Aquino (2014) tenta demonstrar a motivação de uma antropologia filosófica concebida por Max Scheler:

[...] o projeto de uma antropologia filosófica precisa – em paralelo ao estabelecimento do conjunto claro de seus problemas fundamentais – determinar como seria possível atingir uma interpretação integral e unitária do ser humano. Em outras palavras, a antropologia somente pode assumir a função de foco unificador das questões filosóficas encontrando a unidade da natureza humana (AQUINO, 2014, p. 241).

A antropologia filosófica de Scheler que busca encontrar uma unidade da natureza humana se explicita na obra **A Posição do Homem no Cosmos** (2003). O filósofo alemão busca por meio do método fenomenológico uma forma de ultrapassar aquelas compreensões reducionistas e elaborar uma concepção essencial acerca do humano. Scheler trata o homem a partir de sua diferença com os outros seres vivos, mas em conexão com o que eles têm em comum, mostrando a relação que ele tem com o todo da vida, em comparação com os outros seres vivos, com a finalidade de estabelecer a sua especificidade, sua essência.

Scheler, então, encara o problema do homem com uma investigação fenomenológica sobre a natureza humana pela análise do fenômeno de sua existência em relação com os outros seres vivos, partindo da vida vegetal à vida humana. Ele entende que compreendê-lo em relação com os outros seres vivos contribui para a realização de uma antropologia filosófica capaz de denotar o que diferencia o homem como homem perante a sua posição no cosmos e afirmar a sua essencialidade. De acordo com Reis (2016), “determinar a relação e a diferença do homem com a totalidade do cosmos foi um problema posto por Scheler enquanto tarefa filosófica” (REIS, 2016, p. 18).

Um importante conceito a ser remetido em Max Scheler é a noção de pessoa, que ajuda a entender como se situa o espírito perante à realidade física e material do

mundo. Entende-se por pessoa uma unidade concreta de atos, e ela só existirá à medida que executar seus atos em sua posição perante o mundo. “A fim de o espírito se localizar no mundo finito e material, Scheler designa a pessoa como aquela capaz de conceber tal estrutura metafísica” (KLAUSS, 2014, p. 32), ou seja, essa estrutura é uma constituição humana que permite ao espírito situar-se no mundo físico.

Desenvolvendo o método fenomenológico como caminho de compreensão do ser humano, Scheler descreve o mundo como um macrocosmo<sup>1</sup>, pois existe enquanto correlato da pessoa individual, ou seja, o homem pode comportar-se abertamente para a realidade de maneira ilimitada, como será explicitado, sendo uma característica dada pelo espírito. Assim, o mundo pode ser assimilado quando o homem passa a estabelecer-se como pessoa, considerada o microcosmo<sup>2</sup>, mas enquanto apenas ser psicofísico existe o âmbito da realidade<sup>3</sup>.

Além disso, Max Scheler busca estabelecer o homem em seu lugar no interior da Filosofia e a sua posição singular com o mundo e a realidade das coisas. Aquino (2014), sobre a investigação fenomenológica de Scheler, refere-se

[...] à tentativa de definição do ser humano, ou seja, a determinação ontológica da essência humana conjuntamente com o esforço para esclarecer o lugar do humano na natureza, ou seja, a tentativa de traçar a diferença entre o ser humano e os outros animais a partir da comparação sistemática de suas características (AQUINO, 2014, p. 242).

O filósofo distingue quatro níveis de vida psíquica, com a finalidade de demarcar as semelhanças e as diferenças do homem com os outros seres vivos, especificada em cada nível, a saber: o impulso afetivo, o instinto, a memória associativa e a inteligência prática. O nível mais ínfimo da vida psíquica é o impulso afetivo, caracterizando como aplicação de modo mais expresso na planta. O que o

---

<sup>1</sup> Relativo ao mundo, que faz parte do grande cosmos. Toda a realidade de coisas e a natureza. Na filosofia scheleriana, macrocosmos se define como o que se refere à realidade existencial de todos os seres.

<sup>2</sup> Relativo ao animal e por vezes ao homem. Na antropologia scheleriana, o microcosmo é definido como a pessoa, que possui funcionalidades específicas que a torna capaz de se relacionar com o macrocosmo de forma autônoma e a partir do princípio espiritual.

<sup>3</sup> A relação macrocosmo-microcosmo existe desde a filosofia antiga. Aristóteles expunha o que era possível ao homem, por que não ser possível ao mundo também? Mas refuta a si mesmo ao determinar a doutrina do primeiro motor. Isso quer dizer que essa relação era um princípio antigo e de fundamental importância. O macrocosmo muitas vezes foi tratado como anímico, dotado das mesmas características microcósmicas: alma, corpo e reações. Esta relação por muito tempo determinou o modo de filosofar. Em Scheler, ao dizer que o homem é aberto ao mundo, ele também afirma que é somente assim que ele tem um mundo. O homem só tem um mundo por se constituir pessoa a partir do espírito.

define basicamente é um impulso interno de um organismo da natureza, aspecto que demonstra relação com o ambiente em que está em desenvolvimento, mas que não possui consciência, nem sensação e nem representação.

O autor, em **A Posição do Homem no Cosmos** (2003), desenvolvendo sobre as sensações, afirma:

Segundo as investigações minuciosas que foram feitas mais recentemente pelo Botânico holandês Blaauw, não se pode atribuir à planta nenhum tropismo específico, nenhuma sensação, nem mesmo os mais diminutos indícios de um arco reflexo, nenhuma associação e nenhum reflexo condicionado, e, exatamente por isto, também nenhum “órgão sensorial” (SCHELER, 2003, p. 10, grifo do autor).

Assim sendo, a planta participa das esferas mais baixas do ser pelo curso natural da vida de todo organismo que é caracterizado pelo crescimento, impulso para a reprodução e embalo para a morte. Ainda que de maneira lenta, precisa Scheler (2003), a planta se desenvolve e se reproduz em sua ação passiva com o meio ambiente, e compartilha de elementos do mundo inorgânico aludindo ao seu crescimento vegetativo.

A respeito deste primeiro nível psíquico, os animais também têm presente o impulso afetivo, embora não se reduza a isso, pois apresenta uma forma pulsional com capacidades sensitivas específicas, com movimentos instantâneos enquanto ser vivo e adaptação ativa ao meio ambiente. Sem embargo, este nível mais baixo da vida psíquica não está presente apenas em todos os animais, como faz parte do homem. Conforme será desenvolvido posteriormente, “o homem reúne em si efetivamente todos os níveis essenciais da existência, e, em particular, da vida” (SCHELER, 2003, p. 13).

O instinto constitui o segundo nível que se segue logo após o impulso afetivo, sendo considerado pelo filósofo como unicamente o que significa o comportamento do ser vivo. Este foco comportamental é dado de modo externo e pode ser descrito possivelmente através da observação, levando a entender que, do ser vivo, “é sempre também a expressão de estados internos” (SCHELER, 2003, p. 15).

A partir do desenvolvimento desse segundo nível da esfera psíquica da existência, que está presente nos animais e no ser humano, mas não nas plantas, é de forma inata e hereditária que o instinto está presente no ser vivo, sendo uma estrutura que não pode ser desenvolvida e nem alterada. O instinto, então, funciona

de forma imutável, sendo o que marcará o mesmo comportamento diante das tarefas a serem desenvolvidas pelos seres vivos. O instinto age para o bem da espécie e não para o bem de si mesmo. Segundo Scheler (2003), o instinto é o que define o que é importante para ver e sentir, e atua no comportamento, nas sensações, na memória e na organização da espécie.

Diferente dos dois níveis antecedentes, a memória associativa está ligada diretamente ao número de vezes que o comportamento, animal ou humano, é efetivado. Isso significa que o comportamento futuro será conduzido também de acordo com a memória do comportamento anterior, desde que elementos dos dois comportamentos correspondam a alguma estrutura em comum. Na prática, a memória associativa corresponde ao hábito, o que dá origem ao fenômeno da repetição e ao fenômeno da tradição. Este terceiro nível da vida psíquica ainda é marcado fortemente pelo segundo nível, porém, à medida que consegue ser bem efetivado, causa uma diminuição nas determinações do instinto.

Max Scheler (2003) determina o quarto e último estado da vida psíquica: a inteligência prática. Os seres vivos que possuem esta inteligência alcançam a capacidade de escolha e age com vista a um sentido, sendo este satisfatório ou não. Ao mesmo tempo, esta inteligência é prática, pois “seu sentido final é sempre um agir, através do qual o organismo alcança (ou perde) seu fim pulsional” (SCHELER, 2003, p. 29). Ao contrário da memória associativa, a inteligência prática não precisa de antecedentes comportamentais nem um número substancial de tentativas para a sua realização. Ainda que este grau esteja presente em alguns animais, estes não são capazes de escolher entre o necessário e o prazeroso, pois a inteligência prática se manifesta mais fortemente no homem.

No que tange à presença da inteligência prática nos animais, Scheler (2003) supõe que o comportamento inteligente frente às situações

[...] não tem lugar junto ao animal através de uma atividade consciente, reflexiva, mas através de uma espécie de reorganização intuitiva do que é dado no meio ambiente. No entanto, isto envolve uma inteligência autêntica, invenção, e não apenas instinto e hábito” (SCHELER, 2003, p. 32).

A inteligência prática, nesse sentido, significa a capacidade para a resolução de problemas advindos de situações diversas apresentadas aos animais. Apenas o ser humano, no entanto, percorre todos os níveis - impulso afetivo, instinto, memória

associativa e inteligência prática - e possui a capacidade de integrá-los numa unidade mais alta. Scheler esclarece que não importa a diferença de grau de inteligência entre o ser humano e os outros seres vivos, já que a diferença do humano para esses seres está na essência.

O que estabelece a posição peculiar do homem em relação ao cosmos não se encontra na comparação dos graus ontológicos biopsíquicos e naturais dos animais, pois a essência humana não pertence nem emerge da natureza. Max Scheler (2003) sustenta que a essência do homem e “a sua ‘posição peculiar’ no cosmos encontram-se muito para além do que se denomina inteligência e capacidade de escolha, e que elas tampouco seriam alcançadas [...] de uma maneira quantitativa qualquer” (SCHELER, 2003, p. 35, grifo do autor).

A determinação do homem é algo totalmente novo que não se encontra na esfera biológica e psíquica do homem e nem reside no mundo natural, pois

O novo princípio encontra-se fora de tudo isto que podemos denominar “vida” no sentido mais amplo possível. O que torna o homem homem não é um novo estágio de uma forma de manifestação desta vida, da Psyche. Ao contrário, ele é um princípio oposto a toda e a cada vida em geral, também à vida no homem: um fato autenticamente novo que não pode ser absolutamente reduzido como tal à “evolução natural da vida”, mas, se é que pode ser reduzido a algo, apenas ao fundamento único e supremo das coisas mesmas (SCHELER, 2002, p. 35, grifo do autor).

Os filósofos gregos, na antiguidade, afirmavam que esse princípio se denominava razão. Na filosofia scheleriana investiga-se um princípio que abarque ao mesmo tempo o conceito de razão e um determinado tipo de intuição. Scheler o intitulou espírito: “O homem é, por si, um ser superior e sublime, acima de toda a vida e seus valores, acima da totalidade da natureza, [...] elevando-se ao espírito” (SCHELER, 2003, p. 35).

Mas o que torna, então, o homem essencial? Em seu projeto de antropologia filosófica, Scheler metafisicamente responde a essencialidade do homem de modo diverso ao de sua época. O homem não é essencialmente diferente dos outros seres vivos pelo seu diferente grau de inteligência prática nem por nenhuma característica da vida psíquica, como também não se difere dos outros seres pela capacidade de escolha ou por ser *homo faber*<sup>4</sup> – modo inteligente e funcional de agir sobre a natureza

---

<sup>4</sup> É a definição de homem feita por Bergson, que viu na inteligência, característica fundamental do homem, a faculdade de fabricar instrumentos inorganizados. Nesta definição, o homem é capaz de

RHEMA, v. 19, n. 58, p. 58-76, jul./dez. 2021 - ISSN 2446-628X 66

-, mas sim pela sua posição metafísica e essencial de se portar e de ser perante todo o cosmo. Scheler empreende grande parte de sua reflexão filosófica no desenvolvimento do conceito de espírito. Sobre essa categoria será visto a seguir.

### 3 O ESPÍRITO COMO CATEGORIA ANTROPOLÓGICA EM MAX SCHELER

De acordo com as considerações propostas na seção anterior, Max Scheler realizou um caminho pelo método fenomenológico de observação da realidade e dos seres vivos em comparação com o ser humano. Passando pelos níveis da vida psíquica, o filósofo descreveu o modo de os seres vivos se comportarem no mundo, suas especificidades e suas características gerais. De acordo com o filósofo, o homem ocupa um posto mais elevado em relação aos outros seres vivos por possuir uma inteligência e um modo de viver mais avançado. Porém, definiu que não é essa posição superior na vida psíquica que faz o homem ser homem, nem define a sua essencialidade pelo modo mais elaborado que pensa e interage com o mundo, mas sim por ser espírito que o homem ganha seu caráter antropológico.

Ao colocar o espírito como categoria antropológica, Scheler reassume uma postura metafísica que coloca a essencialidade do homem nessa mesma categoria. O homem, então, tem a sua essencialidade no espírito, que o torna capaz de autoconsciência, de liberdade e de ideação. Para o filósofo alemão Max Scheler (2003), o ser humano é uma síntese de várias dimensões, que se estende desde as esferas naturais até as esferas espirituais, e é o espírito que se movimenta pelas esferas do ser. O ser humano é um microcosmo que participa das diversas camadas do mundo e o único ser que pode se constituir pessoa, pois possui uma postura de se comportar abertamente ao mundo. Ele é espírito livre que transita pelas esferas da vida como centro de vontades, intenções, valorações e atos. O ser humano é um ser integrado pelas diversas dimensões da vida em cooperação.

Max Scheler, então, em sua antropologia filosófica, concebe uma ideia através da qual ele considera que a esfera da vida e a esfera metafísica<sup>5</sup> do homem formam

---

desenvolver instrumentos e receitas previamente elaboradas para a execução de determinada atividade.

<sup>5</sup> Max Scheler dá um salto metafísico ao realizar a sua catalogação da vida psíquica dos seres vivos. Termina por determinar que o homem não se difere dos animais pela natureza, ou pelo grau de maior inteligência, mas sim pela essência. E a essa essência ele denomina espírito. Por quê? Por perceber que o homem não age de modo ligado e condicionado pela natureza ou pelas implicações pulsionais

uma unidade. Ou seja, o modo de o homem existir e se comportar no mundo se dá no espírito. Este é o novo princípio que estabelece essencialmente o homem em sua posição no cosmos, e sua determinação fundamental pode ser caracterizada pelo “seu desprendimento existencial do orgânico, sua liberdade, sua separabilidade [...] ante os laços, a pressão e a dependência do orgânico, da ‘vida’ e de tudo o que pertence à vida” (SCHELER, 2003, p. 36). O espírito fornece ao homem a capacidade de ser livre do meio ambiente e aberto para o mundo.

Segundo Leila Klaus (2014), mesmo na qualidade de ser metafísico,

O espírito é capaz de conhecer a esfera inferior dos animais e dos seres vivos em geral sem qualquer tipo de mediação. Com outras palavras, enquanto que os animais permanecem extaticamente presos aos centros vitais e pulsionais, o ser espiritual é capaz de conhecer esta esfera psíquica sem que para isso seja previamente dado algum tipo de experiência sensível através de órgãos sensoriais ou vitais (KLAUSS, 2014, p. 33).

Confirma-se, portanto, que Scheler (2003) demonstra que o ser humano não está condicionado fisiologicamente ao meio ambiente. Além disso, na comparação entre o homem e o animal, este último está preso a seu impulso e seu instinto, enquanto aquele se desvencilha do mundo a sua volta e o eleva à condição de objeto. Assim, o espírito na antropologia scheleriana é definido como objetividade, pois conhece as coisas em si mesmas sem a necessidade de auxílio das estruturas externas, químicas ou psíquicas.

O homem, diferentemente do animal, não está subordinado ao meio ambiente e age de tal modo sem ser guiado pelas constituições fisiológicas ou psíquicas de seu organismo. Desse modo, o ser humano está mais livre das impulsões que o mantêm contido no meio ambiente, pois pode apreender o modo de ser dos objetos sem a restrição que o sistema pulsional e os órgãos sensoriais de sua constituição fisiológica lhe impõem. Em outros termos, o ser humano é capaz de transcender suas pulsões e seu orgânico para captar com objetividade o mundo à sua volta, potencial conferido pelo espírito.

Pode-se assim perguntar: em que consiste o espírito? Para Scheler (2003), o espírito é determinado pelo: “seu desprendimento existencial do orgânico, sua

---

da estrutura biológica. Então, ao perceber que o homem tem uma capacidade de se desprender da realidade e se perguntar pelas coisas mesmas, Scheler insere uma metafísica que torna, assim, o homem essencial: o espírito.

liberdade, sua separabilidade [...] ante os laços, a pressão e a dependência do orgânico, da vida e de tudo o que pertence à vida” (SCHELER, 2003, p. 36). E é somente ao homem que cabe esta estrutura espiritual, pois é especificamente nele que o espírito reside, visto que é o único ser capaz de se comportar abertamente ao mundo<sup>6</sup>. Segundo Klauss (2014), o homem tendo presente esta estrutura pode realizar o ato espiritual tornando-se autoconsciente, além de poder objetivar a realidade. O mais importante, porém, é que o homem, através do espírito, pode objetivar a própria consciência, a própria constituição psíquica e as suas capacidades vitais e, por fim, delinear de forma livre a sua própria vida.

Hierarquicamente, Max Scheler (2003) define os entes de acordo com a sua posição no cosmos e suas capacidades do seguinte modo: seres inorgânicos, que precisam da categorização dos seres humanos para identificá-los; os seres vivos, possuem individualidade e são seres animados; os animais, apresentando individualidade e consciência, além da vida psíquica; e o homem, que participa de todos estes estágios e se configura como o ser mais avançado na estrutura ontológica do ser. Somente ele pelo ato espiritual pode encontrar-se na autoconsciência, e separado do meio ambiente, encontrar a si mesmo na objetivação de suas estruturas psíquicas.

O homem é capaz de se desvincular da coisa dada e da mera opinião que se lhe apresenta, pois é capaz de objetivar o mundo e a si mesmo. Por possuir um princípio espiritual ele se torna capaz de se desvincular do mundo circundante. Por delimitarem os estágios da esfera ontológica do homem, na antropologia scheleriana são apresentadas algumas peculiaridades que provêm do espírito, a saber: “ao homem é facultado o conhecimento de coisas e substâncias, de espaço e tempo” (KLAUSS, 2014, p.35).

Entretanto, para que o homem consiga objetivar a si mesmo, sua *psyche* e seu corpo, ele precisa de um centro espiritual em que ele seja distinto e separável do mundo, sem referencial espaço-temporal. Este centro pode ser explicitado a partir da definição dada por Scheler (2003) a seguir:

---

<sup>6</sup> Scheler submete a capacidade racional do homem ao espírito, ou seja, o homem somente possui a capacidade racional por ser espírito. Desse modo, a inteligência prática – quarto nível da vida psíquica – se refere às capacidades psíquicas à inteligência de vida tais como a adaptação ao meio, a resolução de problemas práticos e o estabelecimento de regras de sobrevivência. No entanto, a capacidade racional de teorização e problematização do mundo somente é conferido pelo espírito ao ser humano.

Somente o homem – uma vez que é pessoa – consegue se alçar por sobre si mesmo – enquanto ser vivo -, e, a partir de um centro como que para além do mundo espaço-temporal, incluindo aí ele mesmo, tornar tudo objeto de seu conhecimento. Desta feita, o homem como ser espiritual é o ser que se coloca acima de si mesmo como ser vivo e acima do mundo. Enquanto tal, ele também é capaz da ironia e do humor que constantemente envolvem uma elevação por sobre a própria existência (SCHELER, 2003, p. 45).

Isso significa que o centro espiritual pelo qual o homem se torna separado deste mundo está além dos parâmetros de espaço e tempo, visto que o homem se suspende sobre si mesmo para tornar tudo objeto de seu conhecimento. Além do mais, observa Max Scheler (2003):

[...] o centro a partir do qual o homem empreende os atos de objetivação de seu corpo e de sua psyché, tornando objetivo o mundo em sua plenitude espacial e temporal, não pode ser ele mesmo uma “parte” deste mundo e também não pode, por conseguinte, possuir nenhum lugar qualquer e nenhum tempo qualquer determinados [...] (SCHELER, 2003, p. 45, grifo do autor).

Nesse sentido, pelo fato de o homem possuir esta estrutura espiritual que o torna capaz para o conhecimento do mundo, ele passa a se perguntar o que é uma coisa em si mesma. E esta é a faculdade de objetificar o mundo. O homem, então, é apto para captar essências, independentemente do interesse vital que as coisas podem ter para ele ou para os outros à sua volta. No entanto, este ser, enquanto sujeito espiritual, é centro de atos intencionais, é pessoa. Por isso mesmo Scheler descreve o ato de ideação para expressar esse modo do homem se comportar espiritualmente em relação ao mundo. Mas o que significa o ato de ideação? Essa questão será tratada no tópico seguinte.

#### **4 O ATO DE IDEAÇÃO COMO MODO DE SER DO HOMEM NO MUNDO**

Uma outra determinação proposta por Scheler (2003) a respeito do espírito é a de que ele é incapaz de ser objetivado – é atualidade pura – e só tem seu ser na livre realização de seus atos. A pessoa, sendo o centro do espírito, não é um objeto nem pode ser coisificado, pois é uma estrutura ordenada de atos que leva a termo a si mesma de modo contínuo: “A pessoa só é em seus atos e através deles” (SCHELER, 2003, p. 45).

A pessoa define-se, a partir da obra **A Posição do Homem no Cosmos** (2003), como “o centro ativo no qual o espírito aparece no interior das esferas finitas do ser, em uma diferença incisiva em relação a todos os centros vitais funcionais que, considerados por dentro, também se chamam centros anímicos” (SCHELER, 2003, p. 36). Ela se comporta em atitude de abertura ao mundo e apreende o modo de ser dos objetos pelas próprias forças e motivações, características singularmente condicionadas pelo espírito. Assim, a pessoa como uma estrutura ordenada de atos ganha a possibilidade de se localizar perante o cosmos de maneira singular.

Aqui o conceito de espírito e de pessoa se unem de forma única, pois Max Scheler desenvolve a ideia do **ato de ideação** considerado o ato especificamente espiritual. Do que se trata, exclusivamente, esse conceito? Max Scheler oferta um novo parâmetro ao comportamento humano. O ato especificamente espiritual se difere dos atos ligados à inteligência prática e ao pensamento indireto e dedutor, que são conectados ao instinto e à memória associativa. Segundo Almiro Schulz (2020, p. 55), esse ato “é, pois, um ato que se diferencia da compreensão de inteligência técnica sobre uma vivência qualquer, [...] é o distanciamento pela ideia, o separar-se do concreto”.

Como exemplo dado por Scheler (2003), o ser humano não apenas tem consciência de que tem uma dor no braço, mas é capaz de reconhecer que este mundo é marcado pela dor e pelo sofrimento, levando-o, assim, a se perguntar pelo fundamento da dor e o que é propriamente a dor. Característica sumamente espiritual, o ato de ideação é o ato que faz o homem agir essencialmente diferente dos outros seres, pois é capaz de reflexão, autoconsciência, separabilidade do material e liberdade para agir de modo infinito em relação ao mundo. Em síntese, o ato de ideação, característica possível graças à estrutura espiritual, coloca o homem em uma posição elevada no cosmos, constituindo-o pessoa com capacidade objetiva de se comportar em relação ao mundo. O homem, por se constituir a partir do espírito, torna-se capacitado a objetificar o mundo e os seus objetos e compreender as suas essências.

O ato de idear proporciona ao homem a capacidade de compreender as qualidades essenciais do mundo e de seus variados e possíveis objetos. Além disso, “o conhecimento apreendido a partir de tal ato é desconectado de qualquer estrutura psíquica e de experiência sensível” (KLAUSS, 2014, p. 36). Porém, como elucidada

Scheler (2003), a partir do que foi exposto, o acesso ao espírito? O acesso ao espírito se dá quando a pessoa se volta para si mesma e para a objetividade do mundo. É após o ato de ideação, a partir do centro ativo da pessoa, que o espírito em si mesmo pode ser acessado. Pois o espírito humano é a possibilidade de a pessoa objetivar o mundo à sua volta, e somente se ativa perante a pessoa concreta no mundo.

O que significa idear o mundo? Scheler responde que idear o mundo deve significar “muito mais suspender (para nós) o próprio momento da realidade a título de ensaio, aniquilar toda aquela impressão indivisa e poderosa da realidade com seu correlato afetivo” (SCHELER, 2003, p. 52, grifo do autor). Desse modo, a faculdade de idear o mundo anuncia que o humano é capaz de se desconectar da realidade e soltar-se das condições pulsionais para uma postura mais elevada, onde pode objetivar a realidade e a si mesmo.

O homem é o ser vivo que, por força de seu espírito, pode se comportar em princípio asceticamente em relação à sua vida, à vida que o faz estremecer violentamente – subjugando e reprimindo os próprios impulsos pulsionais, isto é, recusando-lhes alimento através das imagens perceptivas e das representações. Comparado com o animal que sempre diz ‘sim’ ao que é real – mesmo aí onde ele se atemoriza e foge -, o homem é aquele ‘que pode dizer não’, ele é o ‘asceta da vida’, aquele que protesta eternamente contra toda mera realidade (SCHELER, 2003, p. 53, grifo do autor).

Segundo o autor, o homem é um asceta em relação à sua vida quando subjuga e reprime os próprios impulsos, além de ser capaz de negar o que a realidade o apresenta. E ainda, é constituído pela capacidade de transcender a um nível onde possa tomar decisões especificamente espirituais enquanto nega as suas condições pulsionais. A respeito da própria estrutura espiritual, Scheler (2003, p. 45, grifo do autor) determina que o homem é incapaz de objetificá-lo por se tratar de “uma estrutura ordenada de atos (essencialmente determinada) que leva a termo constantemente a si mesma”. Ainda irá esclarecer o filósofo que a pessoa humana só é em seus atos e, portanto, através deles.

Para melhor definir, o filósofo alemão caracteriza a pessoa humana dotada de espírito, este que pode analisar a sua própria existência e a sua própria consciência sem, no entanto, ser objeto. O ato espiritual não é como os processos anímicos que são passíveis de objetivação, pois este ato olha e categoriza os processos anímicos mesmos. Enquanto homem espiritual, a pessoa é atualidade pura e tem seu ser na livre realização de seus atos, portanto não é passível de objetivação. Além disso, é

impossível que como pessoa objetifique outra pessoa. Na relação humana, só é possível que se consiga uma co-realização dos atos livres de outra pessoa. Apenas através da compreensão, ou do que Scheler (2003) define como amor espiritual, é possível co-realizar e identificar com os atos livres de outra pessoa, com a sua vontade.

O homem essencialmente espírito encontra a sua realização no exercício do ato espiritual, que é a expressão da pura atualidade. Segundo Max Scheler (2003), é possível que se alcance uma participação através da co-realização. A fim de definir a pura atualidade do ser espiritual, o filósofo desenvolve uma discordância da reinante filosofia antiga de que a ideia é anterior à realidade do mundo, ou, melhor dizendo, que a ideia é anterior ao ato de sua concretização. Para Scheler, “as ideias não são ‘antes’, não são ‘em’ e nem são ‘depois’ das coisas, mas juntamente com elas: as ideias só são geradas no ato da constante concretização do mundo” (SCHEELR, 2003, p. 46, grifo do autor). O homem é essencialmente espírito, que através do ato espiritual se faz pura atualidade no seu modo de existir no mundo.

De qual modo Scheler define a unidade do homem? Como visto anteriormente, Scheler (2003) identificava no ponto de partida de sua investigação uma diversidade histórica de concepções e modos de abordagens do fenômeno humano, a falta de unidade na indagação antropológica, que resultava como um sintoma da ausência da definição essencial do homem. Retomando alguns elementos já apresentados, “pode-se constatar no interior da discussão antropológica elementos provenientes da perspectiva mítica-teológica da tradição judaico-cristã, da perspectiva filosófica da Grécia antiga e da perspectiva naturalista das ciências positivas” (AQUINO, 2014, p. 241).

Desse modo, a perspectiva judaico-cristã de conceber a ideia de homem encara o homem em seu relacionamento com o ser supremo, enquanto ser humano que cumpre e vive conforme a realidade transcendental. Nessa ideia também se encontra a realidade da criação, do paraíso e da queda do homem. A partir da filosofia grega, outra ideia bastante desenvolvida foi a de homem enquanto *lógos*, ou seja, ele que é determinado pela posse da razão, que implica na qualidade de discursar e de conhecer o mundo em que se encontra. E por último, o conceito de homem a partir da perspectiva naturalista: entendido a partir da psicologia genética e da moderna ciência da natureza.

O homem passa a ser compreendido como um resultado posterior da evolução do planeta e que se diferencia em níveis do mundo animal por ser constituído de capacidades e de energias proveniente de uma complexidade biológica, entendidos a partir de uma antropologia científico natural. Desse modo, Scheler (2003) afirma que por esses três tipos antropológicos não se preocupam umas com as outras e nem garante qualquer unidade entre si. Por isso, Scheler tem a finalidade de definir uma ideia essencial e uma sobre o homem. E esta definição se constitui seu projeto de antropologia filosófica.

Sendo assim, o filósofo estabelece que o homem se difere por natureza dos seres inorgânicos, ao mesmo tempo que se diferencia pelo seu grau elevado de inteligência e de habilidade em comparação com os animais. O homem, a partir da análise da vida psíquica pela abordagem fenomenológica, contempla todos os níveis psíquicos – o impulso afetivo; o instinto; a memória associativa; a inteligência prática – e percorre livremente por todos eles. No entanto, por mais que haja essa diferença em nível distinto de inteligência, o homem, impreterivelmente, se diferencia por **essência** de todos os outros seres, pois é essencialmente espírito. O homem tem a capacidade de abertura ao mundo, de liberdade, de autoconsciência, de separabilidade, de desprendimento existencial do orgânico, de reflexão e de objetificação de todo o mundo à sua volta.

Todas essas capacidades e características descritas por Scheler só são possíveis devido ao espírito, pois este é o que torna o homem essencialmente diferente de todo o cosmos. O homem, pela sua estrutura espiritual, ocupa um lugar elevado em relação aos outros seres e é capaz de subjugar, objetificar, categorizar e definir o mundo em suas potencialidades e essências. Por fim, no seu trabalho de antropologia filosófica, Scheler define o homem essencialmente como espírito e o coloca em sua posição peculiar no cosmos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Antropologia Filosófica surgiu há séculos quando o homem começou a pensar em sua origem, em sua vida e em si mesmo. A busca por um sentido que motive a própria existência perpassa vários estudos e reflexões filosóficos na definição

do que se constitui o homem. Várias correntes filosóficas tentaram definir o que é o homem, mas as diversas teorias não contribuíram para a unidade desse conceito.

No início do século XX, a sociedade passava por intensas transformações antropológicas em que o homem cada vez mais se tornava problemático para si mesmo. Por causa das diversas concepções a respeito da ideia de homem, e principalmente pelas ciências naturais que o definiram a partir do seu processo biológico e psíquico, a necessidade de uma antropologia filosófica que buscasse a essencialidade humana se tornou ainda maior.

É nesse contexto que surgiu a figura de Max Scheler, que propôs por meio do método fenomenológico desenvolver uma antropologia que concebe o homem como uma unidade e o coloca no seu lugar perante o cosmos. Neste trabalho nos dedicamos especificamente a este filósofo. A obra considerada de maior desenvolvimento de sua antropologia filosófica foi **A Posição do Homem no Cosmos** (2003), publicada pela primeira vez em 1928, e foi justamente a obra estudada para a realização deste artigo.

O desenvolvimento deste artigo apresentou um breve contexto histórico de Max Scheler e os conceitos abrangentes de homem presentes no início do século XX, conforme afirmado pelo filósofo. Depois foi exposto a abordagem da vida psíquica como análise fenomenológica dos seres vivos. Dessa forma, foi possível perceber como o homem se difere em grau de inteligência e habilidade dos outros seres vivos. Abordou-se, ainda, o modo como Scheler compreende o conceito de espírito, e a partir dessa categoria define aquilo que é considerado o essencial do homem. Após apresentar o sentido de espírito, foi apresentado o ato especificamente espiritual e como isso determina o modo da existência humana.

Por se tratar de um breve artigo, fica evidente que vários pontos poderiam ainda ser explorados. Dentre eles pode-se destacar o embate de Scheler com os outros filósofos de sua época - especialmente dentro da sociedade alemã -, a influência que Edmund Husserl causou sobre Max Scheler. Além disso, dentro de seu próprio trabalho, é interessante o modo como Scheler desenvolve seu sistema ético, mas esses são temas para outros estudos. Neste artigo, a proposta consistia apenas em oferecer uma introdução à antropologia de Scheler, de maneira a esclarecer a categoria de espírito e o modo de o homem se comportar perante o cosmos.

## THE PHENOMENOLOGICAL CONCEPTION OF HUMAN IN THE MAX SCHELER'S ANTHROPOLOGICAL TROUGHT

### ABSTRACT

The German philosopher Max Ferdinand Scheler (1874 – 1928) considers the human existential phenomenon as a central research theme in philosophy and engage to prepare a philosophical anthropology, whereby the essential idea of man is the spirit. His work is developed by the phenomenological method. The question that motivates this research is the following: How does the category of spirit in Max Scheler contribute to the understanding of human person? From the reading of this writings, it is evident that the human being has a peculiar structure as a person in the world: the spirit. The spirit determines the separability of the human person from the world, in the other words, it gives man the possibility of being transcendent, capable of self-awareness, freedom, ideation and ascesis. Scheler anthropology presents an essential and unified understanding of the human, establishing the peculiar metaphysical place of human in the cosmos.

Keywords: Anthropology. Spirit. Person. Max Scheler.

### REFERÊNCIAS

AQUINO, Thiago. **A fenomenologia da distinção humana**: Scheler e o projeto da antropologia filosófica. *Revista de Filosofia*, Belo Horizonte, v. 41, n. 130, p. 239-258, ago. 2014.

KLAUSS, Leila Rosibeli. **A abordagem fenomenológica da antropologia filosófica**: pessoa e espírito em Max Scheler. 2014. 90 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia)- Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

REIS, Robson Ramos. Max Scheler: O conceito de pessoa e as críticas de Martin Heidegger. **Ekstasis: Revista de hermenêutica e fenomenologia**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 14-33, 2016.

SCHELER, Max. **A posição do homem no cosmos**. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. 123 p.

SCHULZ, Almiro. **Max Scheler “in foco”**. Curitiba: CRV, 2020, 142 p.